

O papel dos profissionais da saúde na construção do vínculo mãe-bebê com síndrome de Down

LOUISE DA SILVEIRA PEDROTTI MACHADO¹, LUCIANE NAJAR SMEHA²

¹ Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Bolsista de Iniciação Científica PROBIC

² Professora Dra. do curso de Psicologia, Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)

INTRODUÇÃO

A síndrome de Down (SD) é resultante da ocorrência de material genético extra no cromossoma 21. Algumas das características, facilmente identificáveis no momento do nascimento, permitem ao pediatra avaliar e inferir uma suspeita sobre a existência da síndrome, antes do resultado do exame cariótipo que comprova a existência do cromossomo extra. Dos sinais mais presentes podem ser citados os olhos com linhas ascendentes, o nariz pequeno e achatado, hipotonia muscular, pescoço curto e grosso, uma dobra da pele sobre o canto interno dos olhos, boca geralmente aberta devido à flacidez dos músculos da região, mãos e dedos pequenos com prega palmar única, entre outros. A SD é uma das alterações cromossômicas mais frequentes, ela é o problema genético que mais determina a deficiência intelectual de crianças no Brasil. No entanto, se por um lado não se pode desconsiderar que de fato a pessoa com essa anomalia genética tenha algum comprometimento cognitivo, estudos comprovam que a grande maioria tem um desempenho na faixa de retardo mental leve ou moderado. Outra marcante característica da SD é o atraso no desenvolvimento neuropsicomotor da criança, ele determina que as aquisições do desenvolvimento aconteçam com atraso, como por exemplo, habilidade de falar e caminhar. O nascimento do bebê sindrômico e as características evidenciadas no momento do nascimento produzem desconforto tanto na sala de parto entre os profissionais, como entre os familiares. Igualmente, a notícia do diagnóstico dá entrada a inúmeras dúvidas e medos relativos aos cuidados que devem ser endereçados ao bebê. Os pais podem ficar inseguros não sabendo como devem proceder diante de um bebê com determinadas e desconhecidas especificidades. A falta de esclarecimento sobre a SD torna o impacto da notícia do diagnóstico ainda mais forte. A mãe recebe o bebê e junto com o mesmo, muitas novas informações que produzem uma sensação de despreparo e impotência. A sua maternagem pode ser tolhida pelas especificidades das avaliações, tratamentos e intervenções que virão para promover a saúde do bebê com SD. Assim, este estudo objetivou conhecer a percepção das mães e a dos profissionais da área em relação à contribuição das intervenções em saúde para a construção do vínculo mãe-bebê (AMORIM, MOREIRA, CARRARO, 1999; CUNNINGHAM, 2008).

METODOLOGIA

OBJETIVO

Conhecer a percepção das mães e a dos profissionais da área em relação à contribuição das intervenções em saúde para a construção do vínculo mãe-bebê.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Suely Teresinha; MOREIRA, Herivelto; CARRARO, Telma Elisa. Amamentação em crianças com síndrome de Down: a percepção das mães sobre a atuação dos profissionais de saúde. *Rev. Nutr.*, Campinas, 12 (1): 5-19 jan./abr., 1999.
- CUNNINGHAM, Clif **síndrome de Down: uma introdução para pais e cuidadores.** Tradução Ronaldo Cataldo Costa. 3.ed., Porto Alegre: Artmed, 2008.

No momento, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com mães de bebês com SD e profissionais da saúde. Além de, um questionário para averiguar os dados sociodemográficos e a rede de apoio social. As entrevistas estão sendo transcritas e passando por análise de conteúdo. O estudo ainda não foi concluído.

RESULTADOS

Os resultados preliminares sugerem sentimentos ambivalentes das mães em relação aos profissionais que atendem o seu bebê, porém há uma grande expectativa quanto ao tratamento de fisioterapia e fonoterapia. Para as mães, o empenho dos profissionais no atendimento do bebê poderá garantir que seu filho(a) poderá caminhar e falar como as crianças de desenvolvimento típico.